

CRÍTICA TEATRO | O AUTO DA COMPADECIDA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Releitura barroca

Na metade do século passado, o paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) imortalizou-se através de sua obra mais famosa, rompendo fronteiras brasileiras, com montagens nos Estados Unidos e na Europa, difundindo nordestinidade, cultura popular em extrema crítica social. A peripécias de Chicó e João Grilo ganharam telas em 2000 pelas mãos do diretor Guel Arraes, numa cinematografia de sucesso. Um dos textos mais populares do teatro moderno brasileiro, a comédia comunica-se perfeitamente com os dias presentes.

É nesse contexto que o Grupo Maria Cutia, de Belo Horizonte, apresenta “Auto da Compadecida”, uma adaptação eloquente, adicionando novos gracejos no clássico com muita habilidade. O coletivo, que completa 20 anos, mistura palhaçaria, música, aproximando a narrativa do cenário político e social do Brasil contemporâneo.

Gabriel Vilela é sempre des-

lumbrante, tamanha a digital que o talentoso diretor impõe ao seu devaneio cênico. Valoriza o burlesco, investe em raízes circenses, amalgamando sua belíssima estética barroca, sem comprometer os arquétipos bem tramados pelo escritor. Carnavaliza a cena, inspira-se em universo brechtiano, determinando o jogo teatral.

O elenco é desigual, embora funcionem em conjunto. Destaca-se Polyana Horta, comediantes de qualidade, numa composição jocosa, além das performances hilariantes de Leonardo Rocha, sábio na armação do seu João Grilo, e Mariana Arruda, que ilumina a cena na rapidez de seus improvisos. Hugo da Silva, em ótimo timing, deve cuidar da dicção. Há uma fragilidade em Dê Jota Torres, que compromete suas personagens. Marcelo Veronez e Thiago Queiroz não alcançam voos maiores.

Em perfeita adequação, carancas e pinturas de arte revelam a cenografia do próprio diretor, que instaura textura, permitindo a passagem da luz certa de Richard Zaira, com sombras



O Grupo Maria Cutia, de Minas Gerais, apresenta uma adaptação eloquente, adicionando gracejos ao clássico com habilidade

apropriadas. Numa paleta predominantemente terrosa, em contraste com cores mais vibrantes, marcando uma leitura mais celestial, os figurinos extraordinários do encenador, apresentam sobreposições e mistura de superfícies: brocados, linhos, rendas, bordados, franjas e aplicações. Em algumas peças percebe-se um processo de envelhecimento, num desgaste proposital, criando aparência de uso. Os chapéus e adornos reforçam o caráter cômico das personagens. A direção musical de Babaya, Fernando Muzzi e Hugo da Silva é caprichosa, estabelecendo uma unidade vocal da trupe, além de valorizar humor e poesia com músicas de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Sergio Sampaio e Zeca Baleiro. Vale ressaltar a beleza visagística facial dos intérpretes.

No alto da sua mineiridade, o Grupo Maria Cutia, que trafega pelo teatro de rua, além de palcos tradicionais, resulta bem na condução de Gabriel Vilela, exibindo um espetáculo, esteticamente, repleto de teatralidade e que purifica a visão.

SERVIÇO

AUTO DA COMPADECIDA

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana)
Até 29/3, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES



A dor do envelhecimento

Fulvio Stefanini celebra 70 anos de carreira em grande estilo na montagem de “O Pai”, que encerra temporada neste domingo (22) no Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch. No espetáculo premiado, ele interpreta André, um idoso de 80 anos cuja memória começa a falhar, colocando sua filha diante de um dilema: cuidar dele ou interná-lo em um asilo. A peça, escrita pelo dramaturgo francês Florian Zeller, é considerada uma das mais importantes produções sobre o tema do envelhecimento e da demência.



Loucuras em Copacabana

A comédia ‘As Loucas de Copacabana’ encerra temporada no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, neste sábado (21). O texto ágil do saudoso dramaturgo e roteirista Gugu Olimecha (1942-1994) retrata um triângulo amoroso ambientado em Copacabana nos anos 1990. O elenco conta com Narjara Turetta, Danton Lisboa, Guilherme DelRio, Rose Scalco e Andi Teixeira. A trama acompanha situações cômicas envolvendo traição, disfarces e mal-entendidos em um apartamento carioca.



Violência sexual

João Côrtes apresenta nova temporada de Eddy – Violência & Metamorfose no Teatro Carlos Gomes, até 20 de março. O espetáculo da Polifônica parte de um episódio real de violência sexual vivido pelo escritor francês Édouard Louis em Paris, no Natal de 2012. A montagem percorre três obras do autor — História da Violência, O Fim de Eddy e Mudar: Método — e discute violência de gênero, homofobia, xenofobia e dominação masculina, investigando as estruturas sociais que produzem e perpetuam a violência nas relações humanas.